

R. 9319A  
✓

S E R M A M

# Q V E P R E G O V

O P A D R E F R E Y  
M A N O E L D A S C H A G A S R E L I -  
g i o s o d a S a g r a d a O r d e m d e N . S . d o C a r -  
m o n o s e u C o n u e n t o e m o d i a d a a c c l a m a -  
ç ã o d e S . M a g e s t a d e , p o r R e y , & R e s -  
t a u r a ç ã o d o R e y n o 1 . d e D e z e m -  
b r o , d o a n n o d e 1 6 4 6 .

E S T A N D O P R E S E N T E S O R E V E R E N D O C A B I -  
d o , S e n a d o d a C a m a r a , & m a i s n o b r e z a .

A O R E V E R E N D O P . F r . S A N C H O D E F A R O  
*Prior do Conuento de S. Anna, em Collares*



E M L I S B O A

*Com todas as licenças necessarias*

*Na Officina de Domingos Lopes Rosa. Anno 1647.*

S E R M A M

Q V E P R E G O V

O P A D R E F R E Y

M A N O E L D A S C H A G A S R E I

gido da Sagrada Ordem de N. S. do Car-

mo no seu Convento em o dia da aclama-

ção de S. Magellãe, por Rey, & Ref-

erendação do Rey no .i. de Dezem-

bro do anno de 1546.

STANDO PRESENTES O REVERENDO CABE

do Senado de Coimbra & mais nobres,

NO REVERENDO P. F. SANCHEZ DE FARO

Prior do Convento de S. Maria, em Coimbra



EM LISBOA

Com a Real Autoridade de Sua Magestade

Em Lisboa, no dia de ...

# DEDICATORIA.



**B**VSCAR este Sermão  
à V. P. para seu Patroci-  
nio he hum desempenho  
de obrigação, & não li-  
sonja de offercimento porque sendo seu  
assumpto gloria do nosso Portugal, &  
seus Senhores Reys, fica à V. P. muito  
à caber por serem os Illustrissimos Fa-  
ros hum Ramo deste Real tronco, &  
se buscarmos Simpatia nos nomes acho  
entre elles dous Sanchos hum em se-  
gundo lugar, & outro em quarto, os  
quaes com seu valor tanto illustrarão  
esta Corona segundo affirmão as histori- <sup>Brãdão</sup>  
as modernas que mais acertão. E sen-  
do este Sermão prègado no Templo que  
edificou o Senhor Condestable Dom



Nuno Alvares Pereira em tropheo  
de suas victorias fica sendo offereci-  
do a seu sexto neto leuando outro  
tropheo de sua ventura. E se passar-  
mos desta Esphera para outra de nos-  
sa Sagrada Religião do Monte do  
Carmo acho em Vossa Paternidade,  
hum Meßennas para o que he Religião,  
& virtude, o que bem se deixa ver  
no nosso Conuento da Recolleta junto a  
Collares, no qual sendo Vossa Pater-  
nidade ja segunda vez dignissimo  
Prior vemos nelle tantos aug-  
mentos, & fruitos no esperitual,  
& temporal, o que tudo me abre por-  
ta para offerecer a estas mãos este pa-  
pel, demais do Author delle ser par-  
ticular amigo, & humilde seruo de  
Vossa Paternidade; a quem Nosso Se-  
nhor

*nhor por muitos annos guarde Car-*  
*mo de Lisboa em 22. de Feuereiro de*  
*1647.*

**Fr. Manoel das Chagas.**

depois por muitos annos grande Car.

mo de Lisboa em 22 de Fevereiro de

1647.

depois de

Em Manoel das Chagas.

depois de

depois de

depois de

depois de

depois de

depois de

depois de

depois de

depois de

depois de

depois de

depois de

depois de



# THEMA.

*Tempus affuit quo Sol resulsit qui prius erat  
in nubilo, accensus est ignis magnus, ita ut  
omnes mirarentur. 2. Machabæorum cap.  
1. num. 22.*



Este dia por tantas marauilhas grandioso, & por tantas grandezas festiual, determino solemnizar com outras marauilhas de que fas menção o Livro segundo, dos Machabeos no Cap. 1. acontecidas em hum sacrificio mandado fezer pello sacerdote Nehemias as quaes foraõ que o sol depois de padecer hum grande nublado mostrou sua luz fermosa, & taõ efficas que produzio outra marauilha, a qual foi que a agoa, que por sua natureza apaga o fogo entaõ produzio fogo, & foraõ as lavaredas taes, & taõ altas que todos se admirarãõ *ita ut omnes mirarentur*; se este sol que depois de nublado appareceo claro, representa o soar, & Coroa do Reyno de Portugal, que depois de sesenta annos de nublado appareceo mais resplandecente; se este fogo nascido de agoa, onde se não esperaua, representa os coraçõens dos Portuguezes, que em tal dia como hoje afezos em amor de seu Reyno, & de seu Rey brotarãõ pellas bocas chamas de alegres viuas, & festiuaes aplauzos he a materia sobre que eu determino descursar este breue Sermão, o qual por respeito ao dia vejo metido em grandes empenhos, porque he o sabbado dia consagrado a Virgem sacratissima senhora Nossa  
sa

sa, nelle favorece mais seus devotes, nelle fas mais mara  
vilhas, & mercês a quem lhas pede; pois se a Virgem Se  
nhora Nossa ya em hum sabbado favoreceo este Reyno  
para se aver de restaurar agora tambem em sabbado  
favoreca o sermão para se haver de fazer. *Aue Maria.*

**G**Rande vêtajem levão as cousas em seu renacer a  
seu proprio ser, assim o pondera s Ambrosio Psal.  
50. & se proua claro com aqueila alegria que redūdou  
nos coraçõs dos Magos quando segunda ves, viraõ a  
Estrella, foi tal seu alvoroco que parece que o Euange  
lista accumulou palauras para no lo declarar, *gavi sunt  
gaudio magno valde.* Matth. 2. que notavel alegria foi esta  
de ver hũa Estrella que ja tinhão visto: que mais teve  
em Jerusalem que no Oriente; a verdade he que aquel  
la Estrella, da primeira ves, foi nascida, & da segunda  
renascida, & como renasceo asi propria se aventejou,  
& por isso fes tanto aballo nos coraçõs dos Magos; *ga  
ni sunt gaudis magno valde.* Aqui se funda a satisfacão q  
o Pay do Prodigio deu a seu filho mais velho, segundo  
notou *S. Bern. serm. contra vit. ingrati.* S. Pedro Chrysol  
go, na occasião em que festejou tanto, a seu irmão ma  
is moço sendo assim que tinha viuido licois siosamente,  
& como quis, o qual foi diserle, *frater tuus mortuus erat  
& reuixit Luca 15.* Respondendo que elle sempre fora  
seu filho viuo, & seu irmão foi filho que morrendo tot  
nou a viuer, & se lhẽ aventejou por ser segunda ves na  
cido, que as cousas em renascer excedem a seu proprio  
ser; tal vemos que aconteceu ao Sol material no sacrifi  
cio do Sacerdote Nehemias, padeceo o sol hum nubla  
do, & depois d'elle appareceo mais claro mais brilhante  
& com mayor efficacia, porque dantes produzia flores  
da terra, & depois fes mayores maravilhas como foi pro  
dusir fogo de agoa, com que se aventajou asi, & as cou  
sas



fas em seu renascer excedem a seu proprio ser.

Isto meſmo vemos acontecer ao Sol Real, & ſo-  
lar dos Senhores Reys de Portugal, padeceo eſte Sol hũ  
grande nublado que durou ſeſenta annos; as Nuvens  
deſte nublado forão tres, que ſão os tres Felippes Re-  
ys Caſtelhanos, que nos governaraõ. A primeira Nuue  
foi Felipe a que chamarão Prudente (que ſe neſta ac-  
ção o foi, ou não os timoratos o julgem) o qual nublou  
eſte ſol na peſſoa da ſenhora D. Catherina, que era a-  
quem competia ſer Raynha de Portugal pella legitima  
ſucceſſão, por clara representação, & por verdadeira na-  
turalidade, o que ſe tudo proua naquelle doutiſſimo vo-  
lume aſſinado por todos os Doutores Iuriſconsultos  
de Portugal, que então ſe imprimio na Villa de Almei-  
rim, aõde então reſidia El Rey Dom Henrique. Eſte ſol  
tão claro, & eſta lus mais clara que o ſol, nublou Felipe,  
& foi tão denſa eſta nuuem quanto o declara aquel-  
le verſo que então ſe fez.

*Fraudibus, & ferro rapuit diadema Philippus*, o que bem  
declarou o Duque d'alua, querendo dar ſatisfação as  
muitas queixas que delle auia, as muitas extorſões que  
faſia, & ſangue que derramaua, reſpondeo aſſim. *Man-  
dame El Rey men Senhor conquistar eſte Reyno arrojando cade-  
as, & cutellos*, eſtas forão as vnhas com que *rapuit diade-  
ma Philippus*. A ſegunda Nuuem foi Felipe ſeu filho q  
nublou eſte ſol na peſſoa do ſenhor Dom Theodoſio  
que era o verdadeiro Rey de Portugal, por eſtar na me-  
lhor linha do Infante Dom Duarte filho del Rey Dom  
Manoel, mas como o filho herdou do pay o ſangue  
herdou orapto *rapuit diadema*. A Terceira Nuuem  
foi o Terceiro Felipe que hoie viue, o qual  
nublou eſta lus na peſſoa do Sereniſſimo REY DOM  
IOAM O QVARTO que hoie não auia  
de fazer ſeis Annos de REY ſe não  
deſaſeis

defaseis annos de Rey, & nós des *rapuit diadema P'ulip-  
pus*. Estes foraõ os nublados em que esteue este real sol  
*erat in nubilo?*

Porem chegado o tempo *tempus affuit quo Sol refulsit*,  
apareceunos este Sol com auntejados resplandores co-  
mo dis Orofco fazendo sobre histo hum emblema a q̃  
intitula *post nubila clarior*. Orof. lib. 2. emb. 6. appareceo  
mais claro, & fallo assim porque quando este real sol se  
nublou, nublouse nas pessoas dos Senhores Reys Dom  
sebastiaõ, & Dom Henrique nos quaes as Coroas rea-  
es sò lufiraõ em suas pessoas por quanto não tiueraõ ef-  
tado de casados, nem tiueraõ filhos hũ por muito guer-  
reiro, outro por muito velho; porem como agora nos  
lufio este Sol na pessoa do Serenissimo Rey Dom Ioã  
IV. appareceo *post nubila clarior*, acompanhado de mayo-  
res rayos mais brilhantes luzes, & mayores resplando-  
res. O Primeiro resplandor he a Raynha Nossa Senhora,  
em quem se renouaõ as alegrias das Raynhas de Por-  
tugal as Catharinas, as Liatores, as Marias, & Ifabeis  
Santas. *Clarior*. Outro resplandor he o Serenissimo Prin-  
cipe Theodosio que demais dos ceptros, & Coroas que  
lhe prometem os Emperadores Theodosios quer o no-  
me Theodosio dizer, *Datus á Deo*, que dada por Deos  
foi las taõ clara. *Clarior*. Outro resplãdor: saõ as senhoras  
infantas em quem realça o valor das Ioannas Breatri-  
zes Isabelas. q̃ com seu real sangue illustrarãõ os Prin-  
cipes da nossa Europa. Outro resplandor he o senhor  
Infante Affonso em quem se comprometem as felicida-  
des dos cinco Reys Affonssos que esta Coroa fundarãõ  
& tanto dilatarãõ; os quaes todos v'stes ante hontem  
passar por este nosso tẽplo, & visitar os Santuarios del-  
le. Com taes resplandores nos appareceo este real sol a-  
tras de seu nublado *Sol refulsit qui prius erat in nubilo*.

E não foi taõ pequeno o Espello deste nublado que



não abrangese tambem ao governo, o qual todo este tempo foi governo nublado. E para declarar isto noto aquella fera, que os irmãos de Ioseph disserão que o matara, fiserão de seu irmão o que quiserão, & mandarão ao Pay a tunica inteira manchada de sangue o que o Pay logo creio difendo, *tunica filij mei est, fera pessima comedit eum, bestia deuerauit Ioseph* Gen. 37. Agora argumento assim; tão considerada foi aquella Fera, que lhe despio a tunica, primeiro que despedaçase o corpo? & se toda via a Fera, não despedaçou a tunica, como despedaçou o mais? a verdade he, que aquella Fera, não era mais que Fera imaginada, & como tal não procedia como fera verdadeira; o q̄ vimos claro nos Reys Castelhanos, como não erão Reys de Portugal mais que imaginados; não governauão como Reys verdadeiros, deixauão a tunica inteira, & despedaçauão o corpo; isto he o que tocava ao Reyno de Portugal; Reyno de Portugal, se chamaua, elles Reys de Portugal se intitulauão, esta tunica inteira estene, porem o governo feito pedaços, digo isto, porque governando Portugal os poudos; Castella governaua as Torres, as Fortalezas, os Castellos, tudo aly era Castelhana; Capitaes, Alferes, Tenentes, nossas Galles de Portugal, capiteneadas por Castelhanos, nossas armadas, armadas reaes se chamauão porem era hũa Esquadra das de Castella, procedião nisto tão Oufanos, que auendo no Rio qualquer embarcação, que tiuesse bandeira Castelhana, não se auia de soltar bandeira Portugueza, & com tanta sobranfaria, que em caso que no Rio não ouuesse Nauio de Castella, se punha na Torre de Bethlem hũa bandeira, para que aly as armas de Castella, nublasem as de Portugal, & assim hũa, & outra cousa se despedaçaua. *Fera pessima deuerauit.* No governo Politico tambem se via o mesmo, porque no tribunal supremo, ouue Governadores



dores Castelhanos, & Governadores Portuguezes: Na  
meza da fazenda Ministros Castelhanos, Ministros Por  
tuguezes; na justiça varas Portuguezas, & varas Caste  
lhanas: de modo que se hum Portuguez em Castella co  
metia hum crime la o castigaua a justiça Castelhana,  
& se hum Castelhana em Portugal fizia hum de  
lito naõ o fiaõ da justiça Portugueza auia Ministros  
Castelhanos Aguazis Castelhanos tronco de Castelha  
nos, *Fera pessima deuorauit.*

Anante forão estes nublados que tambem abrangen  
rão as pessoas reaes dos proprios Castelhanos que qua  
vierão o que eu declaro com aquelle manquejar de Ia  
cob, *postquam transgressus est Phanael: ipse uero claudicabat pe*  
*de Gen. 32.* Sabia deste lugar de Phanael Jacob com grã  
des victorias *contra Deum fortis fuisse*, com grandes acre  
centamentos de titulo, *non uocaberis ultra Iacob sed Israel*,  
com a benção recebida *benedixit ei in eodem loco*, onde  
nota o Cardeal cayetano que se lhe fes auiolencia de o  
aleijarem porque naõ lograse aquelas honras sem aque  
la manqueira, *tactu uolento claudicabat*, tal foi o manque  
jar dos Reys Castelhanos. Fes entrada em Lisboa Fel  
lippe prudente, & constame de hum papel que entã se  
inprimio em fauor do Senhor Dom Antonio que ou  
ue no Terreiro do Paço muitas lagrimas, muitos gemi  
dos, & suspiros de verem hum castelhana a cauallo pa  
ra Reynar em Portugal. Valhame Deos naõ ouue hum  
so minino que por ignorancia disse uina? ou hum ruf  
tico que por admirado desse algum embora? naõ: que  
tudo foi hum silencio confuzo, hum espanto mudo  
com que aquella honra manquejava *claudicabat*. Mor  
reo este Rey fiserão lhe as honras no mosteiro de Beth  
lem com grande aparato. ( Ora ouni hãa cousa parti  
cular que naõ parecia capas de se notar) ouue Sermaõ

&

& o Padre Prêgador tomou por Thema hũas palauras do Ecclesiastico que dizem affim, *Rex hodie est, & cras morietur Eccles. 10.* as quaes palauras o Spiritu Santo escreueo para pena de hum Rey tirano ordenando a diuina prouidẽcia q̃ nas honras funeraes daquelle Rei se manifestassem suas tyrantias. Ouidi Cornelliõ à Lapide grauissimo Expositor, *Caveat ergo Rex apotentata tyrantico, namq̃ hodie Rex & cras morietur*, honras funeraes que aqui manquejarão *claudicabat*. Fes entrada em Lisboa Felippe seu filho com aquelle grande aparato que todos viraõ, ja se notou que aqui tambem não se ouiuo hum sã viua, mas o que eu agora noto he que chegando El Rey a cauallo ao meyo da rua noua quãdo começaua a ver as primeiras janellas do Paço sendo a tarde de vinte noue de Junho acabou se o dia, & fechou se a noite que cousas feitas a noite forão aquelles arcos triumphaes, aquelles aparatos aquelles gastos tão excessiuos, aquelle entrar Rey Castelhana em Palacio Portugues entre pois denoite nelles, & manqueje o dia com sua luz *claudicabat*. Morre este Rey, & querendoselhe fazer as mesmas honras funeraes que a seu pay se levantou no Cruzeiro de Bethlem hũa magestadeza Essa, tratou se de se affinar o dia fizerão se as preuõcoens: he possiuel que esteue hum anno inteiro esta Essa levantada sem nunca chegar o tal dia, & se derrubou a Essa, outra ves sem se lhe fizerem as honras que honras não merecidas em vida; manquejẽm nã morte. *claudicabat*.

Mayor nublado foi o que padeceo a pax, com saudades morrerão nossos Auos da grande, & longa pax que dantes possuia o Reyno todas as naçoens vestidas erão nessas amigas todas ros tratãõ com grossos, & continuos Comercios, & era ei tãõ o Reyno tãõ opulento



lento, que chegou a não auer troco para as couzas mi-  
das por to.los terem dinheiro em ouro, assim o P. Vas-  
concellos da Companhia de IESVS na sua Anacepha-  
leosis dos Reys de Portugal, na vida del Rey Dom Ma-  
noel. Damião de Goes, na sua Chronica. *O zorius de gestis  
Emmanuelis*, de modo, que se hum homem hia comprar  
tinha hum dobrão a Regateira tinha outro dobrão.  
Aquietação das armas era tal, que dentro no Reyno, se  
não sabia, que cousa era arcabus, senão nas fronteiras  
de Africa, & conquistas da India, aonde as armas se  
exercitauão, com destreza, assim Francisco Dandrade  
na sua grande Chronica del Rey Dom João o III. porẽ  
depois que nos veyo acaçada vnião de Castella todos  
os amigos se nos tornarão serpentes. *Cum enim morietur  
homo hereditabit serpentes Eccl. 10.* ainda aquelles que  
erão pequenos bichos; se voltrarão grandes Dragoens, a  
penas apparecia, no cabo de Sam Vicente hũa Fusta de  
Argel; ou de Sallé quando a cosada das nossas Gallès de  
saparecia fogindo: porem depois de malquistados com  
Castella pella expulsão dos Mouriscos de Granada, pu-  
zerão no nosso mar Oceano Galleoens de altobordo,  
começarão a fazer em nòs grandes prezas, & coméça-  
rão os Catiuos Portuguezes, a encher, as masmorras de  
Argel de Fes, de Tutuão, de Azamor, de Estambor, de  
Salle, & outros muitos lugares. *hereditabit Serpentes.* Os  
Ingrezes malquistados, com Portugal, por Castella de-  
sembarcarão em nossas prayas marcharão por nossos  
Campos, cercarão Lisboa, & chegarão a pregar, as bal-  
las de seus mosquettes, nas portas de Santa Catharina,  
nas portas de S. Antão. A tal baixeza chega a Princesa  
das Prouincias, a Emperatris do mar Oceano a nossa  
Lisboa. No mar se fizeram tão poderosos Cossacos que  
em frotas entrauão nossas Carauellas; & Nauios pella  
barra de Londres Catiuos: assim o afirma Andre Phi-  
lopatro



Iopatro presbytero, & Theologo Romano, no Livro dos Edictos da Raynha Jlabela, a qual fazia sobre isto grandes praticas aos seus dizendõ, que aquillo eraõ castigos del Rey Felippe, que não contente com seu Reyno, queria tomar os alheos; *hereditabit Serpentes.* Os Olandeses, que não sabião sabir de seus Paizes mais, que virnos vender manteiga, & queijos, em odio de Castella, souberão adestrarse nas armas, puserão no mar, poderosas armadas, & como serpentes nõs forão morder, ao nosso Brasil. No Oriente, nossa India, nosso Ceilaõ, nossa Malaqua, nosso Ormus. Os Franceses, nos amedrontaraõ nos fizeraõ entrecheirar, & se não tiueramos feito com elles, esta amorozaliga ja tiueraõ feito aos Lugares de Portugal; o que a Perpinhaõ, Salses, Lerida, & Dunquerque, *hereditabit Serpentes.* Ha mais naçõens vezinhas, que se voltẽm Serpentes? não ha mais. Ora sim ha mais; os mares vizinhos tambem, se nos fizeraõ Serpentes. Que nos mares distantes, ou nesse naufragios, sempre os ouue; porem nos mares vizinhos tanta perda de Naos, nunca a ouue senaõ depois que os mares viraõ, nossos montes, Promontorios, & prayas, serem sojeitas a Castella, o que se deixa ver nas muitas Naos perdidas, hũa por hũa parte, outras por outra, a Nao Sam Valentim, tomada afrontosamente, no porto de Sezimbra; a Nao Nossa Senhora dos Martyres, feita pedaços, na Torre de S. Giaõ; a Nao Xavier, dada a Costa na cabeça se qua; a Nao Santo Ignacio, alagada nas prayas de Oeiras; a Nao Conceiçaõ, queimada pellos Turcos, a vista de Collares; a Nao Santa Catharina, despedaçada, na rocha de Sintra; deixo as duas grandes Naos, com a armada Real derrotadas, nos mares de França. O que he isto mares, quem vos fes Serpentes? mas ja vejo, que o deixaraõ de ser, porque virão que lhe fizemos

mos a vontade. Aclamou o mar a El Rey Dom IOAM em Rey: não vos lēbra daquellas pedrinhas que o mar lançou fora por nossas prayas pouco tempo antes do dia de nossa restauraçõ nas quaes desia em letras grossas, & de releuo o Duque. Pois o mar, queria que o Duque fosse Rey; & Portugal acclamou Rey ao Duque, a brandete o mar metanos pellas barras dentro Naos da India aos parés, frotas, & mais frotas, que como ja fomos de Portugal ja não quer ser serpente, *hereditabit serpentes, taes, & tantos foraõ os nublados*, atras dos quaes nos appareceo o Sol *Sol refusit qui prius erat in nubilo?*

*Accensus est ignis magnus.*

**B**Aste ja de nublados, vejamos a segunda marauilha de fogo nascido da agoa, ao qual chama o Abade Ruperto, *Lib. de victoria verbi Dei, cap. 7.* Fogo resuscitado porque ja tinha sido fogo antes de ser agoa, o que vem muito ao nosso intento porque o fogo do amor Portuges foi o que ja fora. E Cornelio a Lapide explicando este lugar, parece que falla com os Portugueses *homines in ista aqua frigidis flammis facit, & igneos*, foram estas lauardas de viuas, & de aplausos tam altamente levantadas que nem os incendios de Vulcano, nem os Globos do monte Etna, nem os Rayos de Jupiter asombraram taõto os que os virãõ quãto este fogo atombrou a toda Europa.

Demos pois hum paeço por ella, & vejamos este espanto, & este asombro. O primeiro que se espantou foi Castella, na qual andauam os homens atemorizados sã saber que cuidassem, nem que disessem, hũs de medo, & outros de furor, & todos de espanto quaes no los pin-



rão no Juizo final, *arcentibus hominibus pratimore. Luca,*  
21. ainda que não faltaraõ alguns Castelhanos Pruden-  
tes a quem eu que nesta ocasião me achei là, ouni dizer.  
*Os Portugueses fizeram muito bem porque não pode tão peque-*  
*na cabeça governar tão grãde corpo.* Orã, deixemos Castella e  
seu espanto demos lhe tempo para cuidar em sy, & profi-  
guamos. Espantouse Catalunha, & não somente se es-  
pantou mas se alentou, porque no mesmo dia que a Bar-  
cel lona chegou esta noua, era em occasião que os Caf-  
telhanos combatião o Forte de Monjuque, & alenta-  
dos os Catelloens rebateraõ o inimigo com mór furor,  
demodo que no mesmo dia aplaudirão nossa Coroa, &  
celebraraõ sua victoria, dizendo temos em nosso so-  
corro a Portugal. *Si Deus pro nobis quis contra nos.* Espan-  
touse Veneza, & aplaudio nosso successo dizendo os  
Principes daquella Senhoria *Laurenti Cines*, os Portu-  
gueses coroaão Rey, pois os Portugueses merecem co-  
roados. A palavra *Laurenti Cines*, alude ao que conta Plú-  
tárco, & Pyerio das Coroas de Louro, que eraõ mais  
estimadas que as de Ouro; & a rafaõ entre outras he  
que o Louro tanto que lhe chega o fogo grita, & clama.  
Quem vira a nossa Lisboa hoje fas seis annos a estas ho-  
ras vira os coraçõens dos Portugueses coroados de  
Louro porque acezos em amor brotaão vozes pella-  
bocas fora altos viuas, festiuaes aplausos, triunfante<sup>s</sup>  
alegrias que tudo isto fazião aqueles Louros ardentes.<sup>s</sup>  
*Laurenti Cines.* Espantouse França, & resultou de seu es-  
panto enramar o escudo de nossas armas de prata,  
com seus Lyrios de Ouro, com que este Reyno ficou  
logrando a notavel fermosura de q o Esposo S. se namo-  
raua quãdo vio sua Esposa fercada de Lyrios *veter sum si-  
cut aceruus tritici vallatus Lilijs Cãt.* 7. cõ aqual fermosura co-  
brãõ nossos inimigos terror, & nossos amigos alegria, &  
todos espãto, *omnes mirarentur.* De Alemanha não tiue

Gant. 7  
num. 5



noticia que sou hum Frade particular, & não alcanço  
tudo, porém quando vejo que as armas de Alemanha  
são hũa Aguia de duas cabeças julgo que foi fatal pro-  
nóstico o ter cabeças das muitas cabeçadas que deu a  
cerqua do Senhor Infante Dom Duarte cuja historia  
não profigno porque seria em dia de tanta festa, *infe-  
dum renouare dolorem*, porém julgo que o que atemori-  
sou as Aguias de Alemanha foi ver em nosso Portugal  
outra Aguia Imperial, porque a mayor propriedade, &  
excelencia da Aguia he saberse renouar, & o como no-  
tão os Expositores sobre o verso: *renouabitur ut Aquila  
iuuenens sua Psal. 102*. Tanto que a Aguia chega a ser ve-  
lha pezãolhe as penas, retrofese o bico, não pode vo-  
ar, nem piaz que faz neste caso bate as azas toma calor;  
& com este calor despede as penas, & o bico, & fica to-  
da renouada. Tal Aguia foi o nosso Reyno de Portugal  
facodindo o jugo do Reyno de Castella, & clamado cõ  
altos viuas Rey de Portugal. o que fez espantar todas as  
outras Aguias. *omnes mirarentur*, he este exemplo tão ho-  
norifico, qõ oueramos de dizer a Sua Magestade ornase  
as sagradas Quinas com este hyeroglifico; porque ja El  
Rey Dom Affonso Henriques o ornou pondo he a  
Serpente em cima, mostrando nisto que quem nos bus-  
casse como amigos era Serpente de Moyse que o sara-  
se; quem como inimigos era Serpente que o despeda-  
casse. Veyo depois El Rey Dom Ioão o Segundo, & pôs  
de hũa parte hum Pelicano derramando do peito san-  
gue aos filhos, mostrando nisto que o Rey á de susten-  
tar seus vassalios com seu sangue. Veyo depois El Rey  
Dom Manoel, & pôs da outra parte a Esphera, mostran-  
do como dilatara o Reino na Cõquista da India por todo  
o Mundo. Feche agora o circulo Sua Real Magestade,  
com esta Aguia Real em significação que elle como A-  
guia renouada soube renouar seu Reyno, cuja renoua-  
ção

Ps. 102

ção

ção admirou o Mundo. *Omnes mirarentur.*

Voltemos a Castella, & vejamos como se tem atido em seu espanto, & veremos que tem dado a todo o mundo muito de que se espantar em sua porfiada contumacia pello que tratemos muito de a encomendar a Deos, & a Oração com que o auemos de fazer à de ser a mesma com que a Igreja roga pellos Iudeos: *ut Dominus Iesus Christus auferat velamen de cordibus eorum*, para que o Senhor IESV tire o pano grosso de diante dos olhos de seus coraçoes, porque se notarmos tal està hoje a cegueira dos Castelhanos como a dos Iudeos ( não faço comparação na Fé Catholica que nisso não ha que duidar antes são grandes Catholicos, & Christãos ) porque a ração em que os Iudeos se fundão para qua vir o governo do seu Messias he porq̃ cuidão q̃ todos o hão de receber com os braços abertos. *Veniet desideratus cunctis gentibus. Aggai 2.* E os Castelhanos vem claro q̃ o governo de Castella senão recebe com os braços abertos, senão cõ os braços armados, & que lhe dão cada dia na cabeça; & não querem senão porfiar com a vinda do governo de Castella. Postas pois estas duas cegueiras em balança, mais peza a cegueira dos Castelhanos, & assim nos corre obrigação precisa de rogar a Deos por elles *ut auferat velamen*, & inda passa auante porque passa de contumacia a ludibrio, & materia de zombaria. Zomba Theodoreto del Rey de Samaria quando toi o famoso cerco daquela Cidade não tendo de seu hum pão nem qu e vestir mais que hum Celicio ter a treuimento de mandar cortar a cabeça a meu P. Eliseu *Hec mihi faciat Deus, & hac addat si steterit caput Elisai filij Saphas super ipsum hodie 4. Reg. 6.* o escarneo de Theodoreto dis assim *Stolidus Rex Cilicio indutus caput iubet amputare Prophetæ.* Tal digo de Castella, Castella sem h ùreal, vestida de luto, vestida de celicio q̃ tantos são os cilicios, & dif



ciplinas quantos são os edificios derribados, os Cãpos talados, os lugares queimados, as villas presididas, & com tudo isto querer ainda fallar em desembainhar espada *Stolodus Rex*. E ainda passa a uante porque chega a ser ignorancia crassa. Foi este Reyno fundado pella boca de IESV CHRISTO pregado na Crus, & aparecido a El Rey Dom Affonso Henriques com estas pala-

*Extant vras, Erit mihi Regnum sanctificatum, fide plenum pietate in Ceno dilectum,* será este Reyno sanctificado amim, cheo de fé bio de amado com piedade, & neste Oraculo de Christo *IE-Alcoba. SV* em cujos Oraculos não pode dispensar nenhum çã & re poder da terra, nem o Supremo poder do Summo Pontifice queria dispensar o Tarracusa. Ora cantêlhe os mi fert. ninos muitas Cantigas, & espançêlhe todos de tal ignorancia, *omnes mirarentur.*

*Brisito.*

Pello que abramos os olhos vejamos a fermosura deste Sol, & o grande lustre deste fogo, & gozemos de hũa, & de outra cousa com grande consolação mayormente quando temos tão grande empenho no brasso de IESV CHRISTO despregado na crus, a quem podemos dizer com Iob, *operi manuum tuarum porrige dexteram*. Fundastes nos Senhor com braços pregados, restaurastes nos com braço despregado, agora estendei o braço, & dainos boa mão direita em nossos successos que só vos Senhor IESV podeis meter a mão entre estas duas pedras Portugal, & Castella. *Cum extendisses manum supra mare Exod 14.* Com leuantar Moyse o braço se abriu o mar, & se acabaraõ as perseguiçoens dos Egypcios, quãto mais poderoso S. Iesu será vosso braço para apasiguar discordias, para aplacar tanto derramar de sangue, tanto perder de vidas, tanto aruinar de Estados, *Erige brachium tuum sicut prius*. Olhai Senhor IESV que nascestes fazendo pazes assim as apregoaraõ os Anjos *pax hominibus Luca 2.* morrestes fazendo pa

*Iob 14.*

*n. 15.*

*Indith.*

*9. n. 11.*



zes conuerte; *gladium tuum in locum suum*, *Matth. 26.*  
naõ só mandando embainhar e spadas a soldados senão  
ainda entre pessoas Reaes fizestes pazes, *& facti sunt a-*  
*mici Herodes, & Pilatus in ipsa die, nam antea inimici erant*  
*Luca 23.* resuscitastes fazendo pazes *Pax vobis.* *Ioan. 20.*  
pello que Senhor dainos pax, dainos aquietação nos  
nossos Reynos, vida a nosso Rey, dainos acrecenta-  
mento a nossos Principes dainos graça penhor da glo-  
ria. *Ad quam nos perducatur Christus IESVS qui vi-*

*uit, & regnat in saeculorum saecula.*

Amen.

LOVVADO SEIA O SANC-  
TISSIMO SACRAMENTO, EA  
IMMACVLADA CONCEICAM DA  
VIRGEM MARIA S. N. CONCE-  
BIDA SEM MACVLA DE  
PECCADÓ ORIGINAL,

AMEN.

*Taxão este Sermão em*                      *veis*

Coelho

Ribeiro.

# SONETO.

De flores sendo o Carmo reuestido  
quando do grande Elias foi morada,  
o fes pello valor da forte espada  
fer assombro do mundo mui temido.  
Cõ outra espada o Carmo he guarnecido,  
q̃ amão do grande Nuno tem guardada,  
q̃ cada ves que delle era empunhada  
deixaua o Castelhana esmorecido.  
Em quanto pois não mostra seus rigores  
nem se derrama fangue inda por ella  
firua de espada a vós dos Prégadores.  
Pelejem com doutrina, firmes nella  
se fação Capitaens inuestidores  
lançando a lús Sermoões contra Castella.



## LICENC,AS.

**P**or mandado do muito Reuerendo P.M.Fr.Bras Tosta do Vigairo Prouincial desta Prouincia do Carmo vi o Sermão presente que prègou o Reuerendo P. Fr. Manoel das Chagas não tem cousa contra nossa S.fé, & bons costumes antes está muito curioso, & muy conforme ao engenho & talento de seu Autor, & nas memorias que em todo elle tras do Reyno mostra o grande zelo que tem da patria, & assi para os filhos della que o não ouvirão podesse imprimir Carmo de Lisboa em 6.de Dezembro, de 1646.

*M. Fr. João Coelho.*

**V**ista a informação do P.M.Frei João Coelho q' viu este Sermão dou licença que se emprima, Carmo de Lisboa 6,de Dezembro de 1646.

*M. Fr. Bras Tostado*

---

**V**istas as informaçoes podesse imprimir este Sermão que prègou o P.Frei.Manoel das Chagas no dia de que fas menção, & depois de impresso tornará ao Conselho para se conferir com o original, & se dar licença para correr, & sem ella não correa, Lisboa 7.de Janeiro de 1646.

*Fr. João de Vasconcellos*

*Pantalião Rodrig ues Pacheco.*

*Pero da Sylua de faria:*

*Diogo de Souza.*

---

**E**Sta conforme com seu original, Carmo de Lisboa 20. de Fevereiro.

*© D. Fr. Gaspar dos Reys.*

LICENCIAS

Orde de Lisboa de 17 de Novembro de 1716. P. M. F. Bar. T. Costa  
do Reino do Brasil. Provisão de Lisboa de 1716. P. M. F. Bar. T. Costa  
do Reino do Brasil. P. M. F. Bar. T. Costa  
do Reino do Brasil. P. M. F. Bar. T. Costa  
do Reino do Brasil. P. M. F. Bar. T. Costa  
do Reino do Brasil. P. M. F. Bar. T. Costa  
do Reino do Brasil. P. M. F. Bar. T. Costa

Com. de Lisboa em 6 de Dezembro de 1716.

Orde de Lisboa de 17 de Novembro de 1716. P. M. F. Bar. T. Costa  
do Reino do Brasil. Provisão de Lisboa de 1716. P. M. F. Bar. T. Costa  
do Reino do Brasil. P. M. F. Bar. T. Costa  
do Reino do Brasil. P. M. F. Bar. T. Costa  
do Reino do Brasil. P. M. F. Bar. T. Costa  
do Reino do Brasil. P. M. F. Bar. T. Costa  
do Reino do Brasil. P. M. F. Bar. T. Costa

Com. de Lisboa em 6 de Dezembro de 1716.

Orde de Lisboa de 17 de Novembro de 1716. P. M. F. Bar. T. Costa  
do Reino do Brasil. Provisão de Lisboa de 1716. P. M. F. Bar. T. Costa  
do Reino do Brasil. P. M. F. Bar. T. Costa  
do Reino do Brasil. P. M. F. Bar. T. Costa  
do Reino do Brasil. P. M. F. Bar. T. Costa  
do Reino do Brasil. P. M. F. Bar. T. Costa  
do Reino do Brasil. P. M. F. Bar. T. Costa

Pedro de V. S. Faria  
Diego de S. Faria  
Pascoal de F. Faria

Orde de Lisboa de 17 de Novembro de 1716. P. M. F. Bar. T. Costa  
do Reino do Brasil. Provisão de Lisboa de 1716. P. M. F. Bar. T. Costa  
do Reino do Brasil. P. M. F. Bar. T. Costa  
do Reino do Brasil. P. M. F. Bar. T. Costa  
do Reino do Brasil. P. M. F. Bar. T. Costa  
do Reino do Brasil. P. M. F. Bar. T. Costa  
do Reino do Brasil. P. M. F. Bar. T. Costa

Com. de Lisboa em 6 de Dezembro de 1716.